

Conversando sobre grilagem através de um podcast¹

Irene do Planalto Chemin (Universidade de Brasília)

Francisco Bittencourt Sousa (Universidade de Brasília)

Palavras-chave: *podcast*; Kalunga; restituição de dados

Legendas

Blocos

Sonoplastia

[Música tema: Se o grileiro vem, pedra vai]

Bloco 1 - Chegar no tema, em campo, no *podcast*

[música vai abaixando e vem um som de vento, água corrente e pássaros]

Chico: Localizado “entre vãos e serras, cobertos por um céu de azul celeste, límpido e profundo, e emoldurado pela beleza sutil dos Cerrados nas margens do rio Paranã, desenvolveu-se um pedaço da África”... Essa frase é de Vercilene Dias, quilombola da comunidade Kalunga de Goiás e advogada da Associação Quilombo Kalunga, a AQK, que escreveu a Dissertação de Mestrado “Terra versus Território: uma análise jurídica dos conflitos agrários internos na comunidade quilombola Kalunga de Goiás”, em 2019. Antes de conhecer Vercilene e sua obra, percorri um longo caminho de estudos sobre a questão agrária no Brasil e, mais especificamente, sobre os processos de grilagem de terras, lendo sobre os clássicos do tema e trabalhando com ele em diversas disciplinas do Instituto de Ciências Sociais da UnB, onde completei minha graduação, assim como na Faculdade UnB Planaltina.

Grilagem verde, internacionalização do roubo de terras, desmatamento e as interfaces com a Antropologia e com questões ambientais. Decidi trabalhar com grilagem e a rede de solidariedade e suborno que envolve essa prática ilegal. Havia a possibilidade de realizar esta pesquisa na comunidade Kalunga de Cavalcante, pois o

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

prefeito eleito era quilombola e tinha especial interesse no tema. Mande uma carta de apresentação para a prefeitura e me responderam meses depois afirmando que tinham interesse em receber a pesquisa e que eu deveria contatar a AQB. Comecei a ler sobre os Kalunga e as publicações acadêmicas dos próprios Kalunga. Li Mari Baiocchi (1999), Aldo Soares (1995), Vilmar Costa (2013), Vercilene Dias (2019), Lourivaldo Souza (2018)... Essas são as principais bases da monografia: apoiado nesses autores, percebi como a grilagem faz parte da história dos Kalunga em um conflito secular pelo direito de existir e ocupar.

Em setembro de 2021, fui à campo pela primeira vez, acompanhado de Rute Pina, jornalista, e José Cícero, para colaborar na pesquisa de uma matéria jornalística da Agência Pública sobre a grilagem na Fazenda Bonito, que pertence ao Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Voltei ao território entre outubro e novembro de 2021, agora acompanhado de Durval Mota, ex-presidente do Instituto de Desenvolvimento Agrário de Goiás, o IDAGO, para, a serviço da AQB, mapear a ocupação da área que corresponde a Fazenda Bonito, estudo que gerou mais algumas dezenas de entrevistas e relatórios detalhando indícios de grilagem nos processos do INCRA referentes à Fazenda.

O fato é que, se não fosse a cooperação dos quilombolas, nada disso seria possível. Eles nos receberam em suas casas, nos guiaram pelo território, forneceram água e alimento, concederam entrevistas, apresentaram ampla documentação. Seu Damião, Dona Ester, Jorge, Seu Naboia, Dona Dulce e Seu Elias... Dona Antônia e Seu Antonio, que se tornaram avós de consideração. São algumas das pessoas que foram fundamentais para esse trabalho. Eu ouvi de muitas delas que tinham receio de compartilhar seus documentos com pesquisadores, suas histórias e suas casas, porque muitos vinham, recebiam atenção e carinho na forma da partilha de um teto para dormir, um prato de comida, água fresca ou mesmo de entrevistas e resposta a formulários, e depois iam embora e não forneciam nenhuma devolutiva, nenhuma notícia dos resultados.

Desse fato, surgiu a ideia de disponibilizar a monografia, que seria originada a partir daquela estadia com a comunidade, em formato de áudio, possibilitando que o texto antropológico alcançasse um público mais amplo e preservando o conteúdo *on-line*. No início, enquanto o projeto ainda era individual, pensei em simplesmente gravar a leitura corrida de todo o texto (o que resultaria em um áudio de aproximadamente 7 horas) e disponibilizar *on-line*. Meu objetivo, ao menos nesse

primeiro momento, era que a monografia chegasse aos interlocutores que não dominam a “letra”. Eu cheguei a realizar a leitura completa de alguns livros e postar no meu canal do Youtube, como *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior (2019), *Kalunga: povo da terra*, de Mari Baiocchi (1999) e *Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil*, de Flávio dos Santos Gomes (2015).

Mas aí... Por sorte, comentando sobre a ideia com a Laísa, colega da graduação em Antropologia da Universidade de Brasília, ela indicou a Irene, produtora de *podcasts*, e o Álex, *design*, ambos também graduandos em Antropologia na UnB. Juntas, nós quatro formamos um coletivo que se dedicou a transformar a monografia “Se o grileiro vem, pedra vai” em um *podcast* voltado para a divulgação científica da pesquisa sobre grilagem de terras no território Kalunga, especialmente como forma restituir os dados para os interlocutores da pesquisa e para a comunidade Kalunga como um todo. E aí, pra falar sobre *podcasts*, eu passo a palavra pra autora que me acompanha nessa escrita, a Irene Chemin.

Irene: Bom, eu tenho trabalhando com divulgação científica através de *podcasts*, especialmente na área da Antropologia, participando do *podcast* Mundaréu, coordenado pela professora Soraya Fleischer, do Departamento de Antropologia da UnB, e também pela professora Daniela Manica, do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp. Logo de cara eu fiquei empolgada em participar desse projeto com o Chico, porque eu reconheço a importância que a questão agrária tem no no nosso país, e como é urgente dar mais visibilidade para essa questão e para as lutas de comunidades tradicionais, como os quilombolas Kalunga.

Eu venho pesquisando sobre como a divulgação científica torna a Antropologia mais aberta e pública. Como a Soraya e Daniela falam em um artigo publicado em 2021 intitulado “O *podcast* Mundaréu como uma experiência de Antropologia Pública”, tem muita pesquisa antropológica acontecendo, dentro e fora da universidade, e essas pesquisas têm produzido resultados que podem ser úteis para uma audiência mais ampla e para a produção de políticas públicas mais sensíveis e inclusivas, como é o caso da pesquisa realizada pelo Chico. Nesse texto sobre a Antropologia Pública, as autoras também debatem a ideia de uma mutualidade na pesquisa, um compromisso político com as pessoas que estudamos, com quem trabalhamos e para quem escrevemos, numa orientação ética de trabalho para e com a comunidade, assim como respeitando a sua

autodeterminação. E um compromisso político também com quem a gente se comunica mais amplamente. Seria uma antropologia situada, uma antropologia anfíbia.

E a mídia de áudio, o *podcast*, nos permite encarar nossas próprias vozes como um veículo de narrativas e visões de mundo, experimentando habilidades comunicacionais para divulgar nossas pesquisas e, mais que isso, como diria bell hooks em seu livro publicado em 2013, para transgredir os padrões científicos estabelecidos que nos distanciam do cotidiano das pessoas. O *podcast* tem algumas vantagens para se popularizar a Antropologia e torná-la mais acessível, como o potencial de permitir que novos atores assumam o protagonismo de suas falas. O baixo custo para a produção e uma comunicação descentralizada podem proporcionar um espaço fértil para a militância e para a divulgação de temas que nem sempre são promovidos pela grande mídia. Além disso, a diversidade de formatos e durações que os *podcasts* podem ter faz com que consigam abordar temas específicos e com profundidade, à demanda do público consumidor.

Eu falo sobre essas características em um trabalho publicado com dois amigos, o Bruno Pereira e o Arthur Ulhôa, nos anais da 8ª Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, a REACT, de 2021. A gente também comenta no artigo a característica de ruptura espacial e temporal no consumo do *podcast*, porque o arquivo pode ser baixado em um celular ou algum dispositivo móvel e ser escutado em outro momento ou espaço. Isso permite que a ouvinte tenha mais controle e autonomia no processo de escuta do *podcast*. Uma terceira característica do *podcast* é a linguagem informal e dinâmica, que combina voz, música e efeitos sonoros para facilitar a comunicação entre mundos e histórias, mobilizando emoções e estimulando a imaginação do público.

Essas três características foram adequadas de maneira específica para que o *podcast* “Se o grileiro vem, pedra vai” chegasse ao nosso público principal, os interlocutores e a comunidade Kalunga, com quem o Chico trabalhou. Assim, nós pensamos juntas sobre como fazer a leitura daquele material e transformar o texto em *podcast*, qual seria o melhor formato e duração para os episódios, a plataforma e a frequência de publicação, pra tornar o material o mais acessível possível para a comunidade. E valorizar todo o acolhimento que os Kalunga proporcionaram, a forma como eles se engajam e fazem o campo acontecer. Né, Chico?

Bloco 2 - Pesquisar e produzir em roda

Chico: Sim. Estar em campo com os Kalunga é estar em diálogo, sentar-se em roda, olhar nos olhos e ouvir histórias, compartilhar cafézinhos, caminhar pelo cerrado e pela beira do rio Paranã. Depois, no momento da escrita, as anotações e lembranças preenchem o silêncio e o papel em branco, que aos poucos vai ganhando a forma da tal monografia. Vem à mente alguma frase marcante dita por um interlocutor e quase é possível ouvir a sua voz, vê-lo bem à frente, e é principalmente para ele que quero contar sobre o que ando pensando acerca de tudo que vivi e aprendi em campo, em sua presença e de tantos outros quilombolas.

Perdi a conta de quantas vezes escutei, durante o campo, sobre o receio que os quilombolas tinham com pesquisadores: uma gente que vem, come, dorme, enche de pergunta e nunca mais dá notícia. Em entrevista com Vercilene Dias, ouvi que ela estava cansada de ter que explicar o "juridiquês" dos processos envolvendo a comunidade, quando o afamado juiz poderia escrever de uma forma mais simples e direta. Além disso, em muitas comunidades tradicionais, principalmente entre os mais velhos, "a letra", a habilidade de escrita e leitura, é pouco difundida. Inspirado por autores como Abdias do Nascimento e Clóvis Moura, nos respectivos livros "Quilombismo" de 2002 e "Sociologia do negro brasileiro" de 2020, busquei romper com a neutralidade e imparcialidade científica, postulados metodológicos que corrobora, mesmo que de forma indireta, para que o pensamento social racista prevaleça ainda hoje na sociedade brasileira.

Pode até parecer algo simples, mas optar por um outro modelo de monografia não foi fácil. Como tive ciência dessa necessidade em ainda em campo, o formato do trabalho não seguiu o modelo acadêmico "clássico" intencionalmente desde o início da escrita. E isso resultou em muitas críticas, a maioria integrando os famosos "problemas de branco", até que parte dos leitores compreendessem que a ideia central sempre foi popularizar o debate dessa questão através de uma escrita direta e autoexplicativa.

"Se o grileiro vem, pedra vai" começou como uma música do Centro Popular de Cultura, pela qual fiquei apaixonado. O refrão dessa canção virou citação de um trabalho de disciplina na faculdade que, por sua vez, serviu de base para o primeiro capítulo da monografia, que depois veio a receber o nome da música como título. E agora representa um *podcast*, trabalho coletivo de quatro estudantes da graduação que se juntaram para disponibilizar, em formato de áudio, uma etnografia sobre os conflitos por terra no território Kalunga, maior quilombo do Brasil.

Encontrar a forma para transmitir a monografia através do áudio e do contar não foi uma tarefa simples. Queria disponibilizar o texto na íntegra; não me pareceu apropriado fazer um “resumo seletivo” para os Kalunga. Como poderia eu, enquanto pesquisador e externo, classificar o que é mais ou menos importante pra comunidade? Não é como se os interlocutores não compreendessem e se apropriassem do processo de pesquisa. Então, seria feita a leitura integral do texto. Mas era longo, o que poderia se tornar um arquivo muito grande e pesado se fosse disponibilizado todo junto.

E, assim, lá no território, eles têm um acesso precário à internet, que só pode ser conectada em lugares específicos. Na casa da Dona Antônia, por exemplo, ela tem uma Internet particular que só é ligada durante a noite. E não é uma internet muito potente, também, então eu também estava preocupado com isso em relação a publicação e acesso ao *podcast*. Eram vários fatores técnicos que tinham que ser pensados, né, Irene?

Irene: Pois é, como o Chico disse, a ideia do *podcast* surgiu principalmente para que o público Kalunga tivesse acesso ao que foi produzido a partir da presença e pesquisa do Chico lá nos povoados de Boa Sorte, Bonito, Buriti Velho, Buritizinho, Congonhas, Pé do Morro, Prata, Redenção e Salinas, que ficam dentro da chamada Fazenda Bonito, no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. O Chico veio até mim com a monografia já toda escrita e me contou sobre o desejo de transformá-la em um *podcast*, ampliando o acesso dos Kalunga e de tantas outras pessoas, aos resultados de sua pesquisa sobre a grilagem de terras naquele território.

Refletimos juntas, e em intercâmbio com a comunidade Kalunga, sobre a forma mais adequada de transmitir o conteúdo de sua monografia via áudio: como dividir as leituras; como gravar e interpretar o texto; como evidenciar a estrutura em que o conteúdo é apresentado, em tópicos, conceitos-chave, citações, referências; plataforma de publicação; estratégias de divulgação; espaços para diálogo com o público ouvinte; frequência de lançamento; entre outras questões que foram aparecendo pelo caminho de produção do *podcast* “Se o grileiro vem, pedra vai”, para que se adequasse à realidade local, em que não é comum utilizar energia elétrica e, conseqüentemente, internet, durante a maior parte do dia.

Nossa equipe também cuidou da identidade visual e da divulgação do *podcast* nas redes sociais, a Laísa Fernanda Alves da Silva e o Álex Nogueira arrasam nisso. As artes pra cada episódio, assim como materiais sobre os interlocutores podem ser acessados no Instagram @seogrileirovempedravai.

Sobre a música tema, não tínhamos dúvida: Se o grileiro vem, pedra vai, é uma canção do Centro de Cultura Popular, disponível em domínio público. A música nos inspira a pensar a secular resistência dos povos tradicionais na ocupação de suas terras, mesmo sendo constantemente atacados pelo modo de vida da branquitude, capitalista e que destrói a diversidade da vida humana e de toda a natureza.

A duração do episódio seria curta, de no máximo 15 minutos, para facilitar o *download* e adentrar a rotina das pessoas, fazendo parte das conversas cotidianas. O *podcast* seria disponibilizado no Youtube, que é mais acessível e conhecido entre a comunidade Kalunga, e no Spotify, para ampliar a divulgação. Como a equipe era composta por voluntários, definimos uma frequência que fosse viável para todos, com 3 episódios por semana: toda segunda, quarta e sexta, às 19 horas. Esse horário parecia o mais adequado à realidade social Kalunga. A leitura foi dividida por três vozes, a do Chico, da Laisa e a minha, organizada por subcapítulos da monografia. O nosso projeto resultou em 31 episódios.

Para organizar a estrutura do conteúdo da monografia, utilizei efeitos sonoros. Coloquei um [efeito reverb] efeito de reverberação, ou eco, nas citações diretas presentes no texto. E uma onomatopeia de grilo [som de grilo] para demarcar tópicos e listas. Optamos por não ler as referências de autor e ano de publicação nas citações, pois parecia atrapalhar a fluidez da escuta. As referências completas foram disponibilizadas em um documento escrito, anexado ao episódio. Porém, não asseguramos que foi a melhor estratégia, visto que a ouvinte não tinha acesso às referências completas no próprio material em áudio.

A gente também teve a ideia de abrir um espaço dos episódios para responder comentários e dúvidas dos ouvintes. Chamado de “Momento pedrada”, esse espaço foi mais ocupado nos primeiros episódios do *podcast*, e depois acabou não recebendo muitas participações. Porém, no privado, o Chico recebia várias mensagens e comentários dos Kalunga sobre os episódios, que a gente vai compartilhar com vocês. Queremos compartilhar um pouco mais sobre quem são essas pessoas, os interlocutores da pesquisa, sobre o território que ocupam e ao qual dão e criam vida.

Bloco 3 - Inter-locuções

Chico: O Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga é habitado atualmente por mais de 800 famílias quilombolas que, assim como os seus ancestrais, residem

nestas terras há mais de três séculos. Nasceram ali, foram criados e lá vivem, fazendo do local a sua moradia habitual, onde produzem para sua subsistência. Na Fazenda Bonito, onde pesquisei, são cerca de 100 famílias. Nesse território existem algumas dezenas de nascentes, e a área é cercada pelos rios Prata, Paranã, Corrente e Ouro Fino. Lá predomina uma vegetação que varia entre cerrado denso, cerrado típico, cerradão, campos sujos, campos limpos e pastagens.

Coco babaçu, galinha, pequi e porco... Itens representativos do modo de vida particular desenvolvido no território, em que o uso da terra é para todos que nela trabalham de forma respeitosa, retirando apenas o necessário para a sobrevivência da comunidade, não se importando com o acúmulo de riquezas, nem com títulos de propriedades. Não fosse esse modo alternativo de vida, provavelmente não encontraríamos nos limites do território Kalunga uma das áreas de cerrado nativo mais conservadas do país. Além de uma orientação que prevaleceu por séculos voltada para a vida comunitária, existem ali técnicas de cultivo desenvolvidas ao longo dos anos, originadas de conhecimentos empíricos adquiridos pelos quilombolas através do trabalho nas roças.

Um dos principais interlocutores da pesquisa foi Damião. Foi ele quem nos recepcionou na primeira visita ao território. Uma das lideranças jovens do território, Damião é um poço de conhecimento sobre a comunidade e o território, não é atoa que recebeu o título de Guardião do Cerrado. Ele nos contou sobre a corda bamba na qual os Kalunga se equilibram, com os modos de vida locais constantemente em risco. Me lembro especialmente da fala de Damião a respeito dos fazendeiros, quando ele disse que a luta não precisava ser contra os fazendeiros, pois os Kalunga querem o respeito à terra enquanto os fazendeiros querem a indenização, mas não aceitam se juntar para pressionar os órgãos responsáveis.

Outra importante liderança Kalunga e interlocutora é dona Ester. Mulher forte, guerreira. Mãe, professora e ex-vereadora. Atuante na militância, compartilhou um fragmento da sua sabedoria conosco na sede da AQK em Teresina. Me lembro de conversarmos no alpendre da casa, onde Ester delineava com perfeição a ligação do território com as crianças e como a educação é importante para a construção da identidade local que fará com que os jovens de hoje continuem lutando pelo seu povo no futuro. Foi a partir das reflexões de mulheres quilombolas, como dona Ester, que pude notar o quão arraigada é a questão da terra e conhecimento nela acumulado.

Minha avó de consideração, Dona Antônia. Até hoje, no início de qualquer conversa, peço a benção, se não a bronca vem. Dona Antônia é moradora da beira do Paranã e me recebeu em sua casa por diversas vezes. Sempre que acontece qualquer coisinha na Bonito, ela me avisa. Lembro da primeira noite no território: acreditávamos que a noite seria tão fria quanto o dia e, apesar dos avisos de dona Antônia, optamos por dormir na oficina. Deu meia noite, 14 graus sobre a areia, foi uma briga pela única coberta que dona Antônia havia deixado. A gente ri disso até hoje.

O presidente da AQK no período em que realizei a pesquisa de campo era o Jorge. Pai, agricultor e líder, Jorge sempre foi muito atencioso conosco. Demonstrava reconhecer a importância de pesquisas sobre a comunidade. Foi conversando com Jorge que percebi que a comunidade Kalunga não é um bloco homogêneo, como algumas pesquisas fazem parecer. Há no seio da comunidade embates constantes entre gerações, formas de lidar com a terra e com a presença de estranhos.

E pra citar mais uma pessoa, dentre várias que foram importantes para realização da pesquisa, Seu Naboia: um grande amigo, com uma aura que conquista. Me lembro que a jornalista que acompanhei em uma das visitas ficou impressionada com a presença quase mística de Naboia, que respondia todas as perguntas com metáforas, quase como um “Mestre dos Magos”. Foi na casa de Seu Naboia, na festa de São Judas, que comi a melhor carne de porco da minha vida: as panelas de ferro fundido fumegavam sobre buracos com brasa ardente no chão. Chegamos por volta das 19 horas, depois de mais de 5 horas perdidos no território. Ao nos reconhecer, logo puxou um prato e não sossegou até que provássemos de tudo um pouco. Seu Naboia encarna a hospitalidade e a alegria da comunidade, que mesmo em meio a tantas batalhas, segue firme na luta pela garantia de um amanhã melhor.

Vale citar também a soja, o trator e o búfalo, numa perspectiva de etnografia multiespécies, como propõe Anna Tsing em 2015. Estes agentes, a soja, o trator e o búfalo, são alguns dos pontos de articulação da rede que possibilita a grilagem. São frequentes os episódios de invasões das terras Kalunga por novos personagens: roças e casas são queimadas ou derrubadas por tratores. Visitas constantes de policiais com mandados judiciais expedidos por delegados e outras autoridades do poder público local; uso intensivo das pastagens vegetais e de agroquímicos, criando um ambiente que incentiva a reprodução dos modos de produção ocidentais e capitalistas.

Irene: É muito interessante essa perspectiva de considerar os vários agentes envolvidos no processo de grilagem, Chico. Parece mesmo uma obra de realismo mágico latino, em que mortos negociam terras, operam milagres... ou mesmo em que o fogo é usado como ‘vilão’ do desmatamento e da grilagem. Mas aí, voltando para [risonha] as pessoas...

Chico: Então, eu fui recebendo vários retornos dos interlocutores por Whastapp, conforme íamos lançando os episódios. E eu pedi a permissão pra usar os áudios que eles enviaram aqui nesse episódio.

Dona Antônia: Boa noite, Chico. Pode usar, Chico, tem nada não. Pode usar, de boa, pode ficar tranquilo.

Irene: e aí, quando a Dona Antônia ouviu o episódio:

Dona Antônia: É, Chico, boa noite. É, eu tô, já ouvi agora, que eu fui ali no Isaías meu cunhado, e deixei o telefone aqui, aí, agora que eu cheguei que abri as conversa aqui, e eu ouvi. Pra mim, foi muito legal, muito beleza, bom demais, Chico.

Chico: A Dona Antônia sempre me acolheu, me adotou como neto de consideração e se engajou na pesquisa junto comigo. Ela me disse assim:

Dona Antônia: e se precisar da palavra da gente aí também, a gente vai tá dando força, ta bom? Eu num dou força por letra, porque eu não entendo de letra nenhuma, mas, da palavra, o pouco que a gente entende, a gente representa aí com ela.

Chico: Eu e a Dona Antônia nos comunicamos frequentemente nos Whatsapp, ela sempre me atualiza do que tá acontecendo lá na comunidade, das ameaças e ataques recorrentes. Ela se posiciona firme contra a venda das terras.

Dona Antônia: Deve ter vendido vontade de negociar, porque, pegar dinheiro, mas, com uma, sobreviver, mas como disse, se nós tudo que tiver necessidade do dinheiro, vendesse um pedaço, todo mundo tava morando no espaço. Porque né, no olho do pau não podia morar, porque o pau é enfincado na terra, pé de árvore é na terra. Ah,

como diz, por necessidade, se todo mundo que tiver necessidade do dinheiro, vender, porque eu mesmo tenho necessidade de dinheiro, mas eu sei, não pode vender, ela não foi feita pra negociar. Então, a gente tem que caçar maneira...

Chico: e Seu Antônio, o seu marido, também ouvia os episódios com ela.

Seu Antônio: Ah, tá, já ouvi ele aqui, já assisti ele aqui. Brigado, Chico, por você tá correndo atrás de conforto pra gente. E, depender da gente aí, qualquer hora, for uma coisa que a gente puder socorrer, nós tamo junto.

Irene: a dona Dulce, moradora da margem da Prata, do lado do Tocantins, também tava acompanhando e em diálogo...

Dona Dulce: Bom dia, Chico, como é que tá aí? Tudo bem? Aqui tá bem, graças a Deus. Ô Chico, muito ótimo, muito legal suas pesquisa, e Deus abençoa, que seja mais pra frente, mais, mais, mais mesmo, que, muito bonito, muito legal. Gostei demais, nós tudo aqui gostou, todo mundo que eu mostro tudo tá gostando, da sua pesquisa, do seu trabalho, da sua inteligência, certo que tá tudo beleza viu.

Pois é, Chico, muito bom, muito feliz, nós tamo feliz que você fez essa, essa homenagem com nós. Muito boa, Deus é que há de abençoar ocê, muito muito mesmo. E nós tamo gostando demais, e, só Deus pra recompensar o que cê tá fazendo por nós. Pois é, Francisco, muito obrigado de cê ter, dessa parte de ocê ter vindo, né, pra fazer o lado de Tocantins também, que, eu gostei demais, porque só ocê mesmo pra fazer isso, porque outros nunca tinha inventado isso aqui com nós não, nunca tinha inventado, muito obrigado e Deus que abençoou e dorme com Deus e, só Deus mesmo pra te agradecer, Chico.

Irene: O Adriano, presidente da Associação Kalunga da Comunidade Engenho 2.

Adriano: Ô Francisco, top demais cara, achei muito bom, vou compartilhar aqui, acabei de assistir agora, mano véio.

Chico: A Maria Helena, presidenta da Associação Tuya, projeto que trabalha com moda afro, frutos do resgate das tradições Kalunga

Maria Helena, presidenta da Associação Tuya: É porque a gente tá em sintonia porque eu sempre fui muito clara com você, e acho que essa presença minha ela é muito forte, sempre nas minhas falas, então, é, você consegue entender o que eu tô dizendo, o que eu tô pensando, porque eu trago isso sempre, essa presença forte na fala, no falar, no jeito de falar. Então assim, acho que é por isso que a gente dá certo trabalhando, é... Teria outras pessoas que poderia nos ajudar na organização da Associação? Eu poderia fazer isso? Poderia, mas eu gostei da forma que você trabalha. E aí sim eu quero construir essa história, da, da Tuya, com você no processo também, não sei se você entende isso, né... E, por que? Até porque se você constrói isso junto com a gente, os projetos que você fazer, você já faz ele com segurança, porque você já sabe o que que é a dinâmica da Associação, tanto da de mulheres quanto da Tuya. Por isso que a gente traz você mais pra perto do processo, né, e você entender mais de perto quase tudo que acontece dentro do processo, até pra na hora de mandar os editais, você já saber um pouco mais né sobre isso.

Chico: e também a Gilda Diniz, Procuradora Federal e ex-Procuradora Geral do INCRA.

Gilda: Chico, eu disse o seguinte, que ficou muito bom, né, apesar de que, assim, você tem uma postura toda informal, desencanada, e aí ao mesmo tempo você quis dar uma, entrar no contexto de passar o recado. Mas ficou legal, porque eu gosto muito, eu sou suspeita né, porque eu gosto de você, então, quando a gente gosta da pessoa já, já acha tudo bom. Mas assim, pra, para as famílias quilombolas, é essencial esse trabalho, muito bom mesmo.

[música “Se o grileiro vem, pedra vai” ao fundo]

Bloco 4 - Devolver e recriar

Chico: As pessoas que conheci no meu campo se tornaram minhas principais referências de sabedoria e luta, numa troca que tem perdurado para além da

Antropologia. Relações estas que colaboraram para que eu desenvolvesse outras formas de pensar, analisar, teorizar e publicizar os resultados. Me esforcei, com essa pesquisa, para transcender a monografia, trabalhando para e com a comunidade. Aprendi e busquei enfatizar a centralidade e a resistência das comunidades quilombolas na luta contra o latifúndio e as frentes de expansão capitalistas no campo. Minha prática busca fazer parte de um movimento maior de luta por justiça social.

Irene: Acreditamos que o empenho para popularizar as nossas pesquisas, inclusive desde o nível da graduação, pode colaborar para que estudantes em formação incidam sobre o debate público, trazendo novas perspectivas, novas formas de falar e divulgar o conhecimento científico. A produção de podcasts tem muito a contribuir com a democratização do acesso à ciência, nos permitido praticar uma antropologia aliada à pesquisa e à militância, feita de um modo artesanal, comprometido e politizado.

Chico: Como nos ensina Antônio Bispo dos Santos em seu livro “Colonização, Quilombos”, de 2015, temos de aprender com a terra, a água, o ar e o fogo, em uma relação respeitosa, orgânica e biointerativa com todos os elementos vitais, uma das principais chaves para compreensão de questões que interessam a todas e a todos. E terminamos com a sabedoria de Seu Antônio.

Seu Antônio: Isso eu sei, Chico, quem tem o coração bom não sabe fazer maldade pra ninguém, só faz o bem. Um abraço pra você também, dorme, fica com Deus.

Bloco 5 - Referências bibliográficas

BAIOCCHI, M. N. (1999). Kalunga: povo da terra. Brasília: Ministério da Justiça. 123

DIAS, Vercilene Francisco. TERRA VERSUS TERRITÓRIO: uma análise jurídica dos conflitos agrários internos na comunidade quilombola kalunga de goiás. 2019. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Faculdade de Direito, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

DOS SANTOS GOMES, Flávio. Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil. Editora Companhia das Letras, 2015.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JUNIOR, Itamar Vieira. Torto arado. Todavia, 2019.

MOURA, Clovis. Sociologia do negro brasileiro. São Paulo: Editora Perspectiva S.A. 2020.

NASCIMENTO, Abdias do. Quilombismo: documentos de uma militância pan-africana. Brasília: Fundação Palmares. 2002.

SANTOS, Antônio Bispo dos. COLONIZAÇÃO, QUILOMBOS: modos e significados. Brasília: INCT. 2015.

TSING, Anna. “The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins”. Princeton: Princeton University Press, 2015.